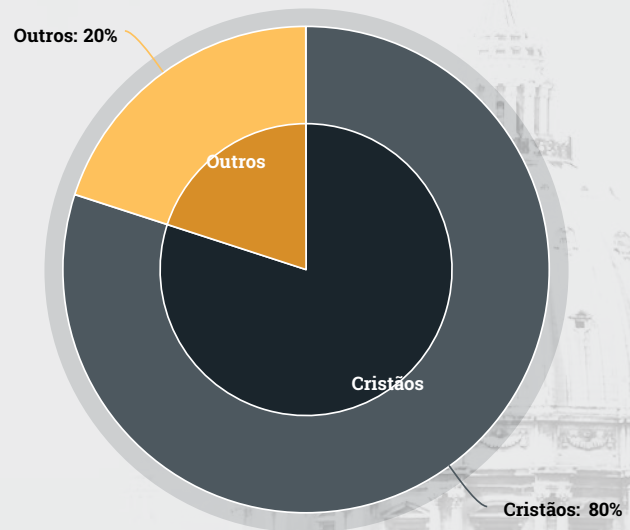
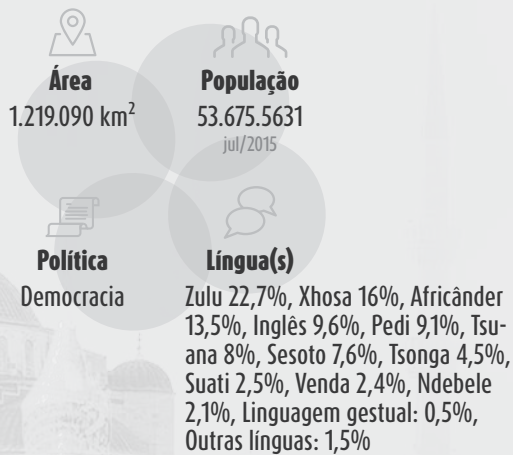


África do Sul



A chamada Nação Arco-Íris da África do Sul não inclui apenas um vasto leque de diferentes grupos étnicos e tribais, mas também um espectro excepcionalmente abrangente de religiões, grupos eclesiais e comunidades de fé, a maior parte dos quais se descrevem como cristãos. A maioria das comunidades de fé cristãs segue uma forma africana de Protestantismo, por exemplo enquanto membros das Igrejas Africanas Independentes, incluindo a Igreja Cristã de Sião (cerca de 11% da população) e a Igreja Apostólica (cerca de 10% da população), juntamente com um amplo leque de grupos pentecostais e carismáticos e também metodistas, anglicanos, batistas, luteranos e presbiterianos. Além destes, a Igreja Católica está presente em toda a África do Sul e há várias pequenas comunidades ortodoxas.

A comunidade muçulmana é constituída maioritariamente pela comunidade dos chamados Malaio do Cabo, há muito estabelecidos na região, em conjunto com um número maior, e em crescimento nos últimos anos, de refugiados da África Oriental.

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A liberdade religiosa é reconhecida no âmbito da Constituição sul-africana de 1996, no capítulo 2 da Declaração de Direitos.^[1]

[1] <http://www.gov.za/documents/constitution/chapter-2-bill-rights>

O parágrafo 9 proíbe todas as formas de discriminação, incluindo por motivos religiosos.^[2] O parágrafo 15 afirma: "Todos têm direito à liberdade de consciência, religião, pensamento, crença e opinião."^[3]

A educação religiosa é permitida nas escolas públicas, mas não é obrigatória e não deve promover as perspectivas de qualquer religião específica.^[4] O calendário escolar tem em conta as celebrações religiosas de todas as principais religiões. O Natal e a Sexta-feira Santa estão incluídos nos feriados públicos nacionais.

A Comissão Sul-Africana de Direitos Humanos (SAHRC) é o órgão encarregado de supervisionar o direito constitucional à liberdade religiosa e tem o poder de lidar com abusos.

INCIDENTES

Os últimos anos testemunharam um aumento no número de incidentes em que, em menor ou maior grau, as animosidades religiosas desempenharam um papel. Em alguns casos, as vítimas eram muçulmanas, em outros eram hindus, outros ainda eram judeus.^[5] Assim, no ano passado, a South African Jewish Board of Deputies (SAJBD) (Câmara dos Deputados

[2] <http://www.gov.za/documents/constitution/chapter-2-bill-rights#9>

[3] <http://www.gov.za/documents/constitution/chapter-2-bill-rights#15>

[4] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: International Religious Freedom Report for 2014

[5] Ibidem

Sul-Africanos Judaicos) apresentou repetidas queixas de discursos e comportamentos antissemitas na África do Sul^[6]. Em 18 de setembro de 2014, o presidente Jacob Zuma se reuniu com representantes da SAJBD para discutir formas de combater este aumento do antissemitismo na África do Sul.

Para citar um exemplo, em 10 de julho de 2014, Jessie Duarte, a vice-secretária-geral do Congresso Nacional Africano (ANC), disse: “À medida que avançamos para o mês de agosto e somos lembrados das atrocidades da Alemanha Nazi, devemos certamente perguntar ao povo de Israel se a expressão ‘não esqueçamos’ perdeu o seu significado. (...) O estado de Israel transformou os territórios ocupados da Palestina em campos de extermínio permanentes.”^[7] Há outros exemplos de declarações incendiárias semelhantes. Claramente, dezesseis anos depois do fim do apartheid, a imagem de coexistência pacífica e de respeito mútuo entre os povos, culturas e religiões que a África do Sul gosta de fazer passar à opinião pública internacional não é um fato evidente, mas sim um desafio constante.

Um desafio cada vez maior é o cuidado pastoral do número crescente de imigrantes na África do Sul provenientes de outros países africanos, que fugiram da guerra, da opressão e da pobreza nos seus próprios países. Muitos deles vivem em condições sub-humanas nos bairros de lata da cidade. A maior parte são dos vizinhos a norte da África do Sul que estão em crise: Zimbábue, Malawi e Moçambique, bem como de regiões politicamente instáveis da África Central e Oriental, sobretudo da Somália, da República Democrática do Congo, do Burundi e do Ruanda.^[8] Tendo em conta a sua relativa riqueza e estabilidade política, a África do Sul é há bastante tempo, e continua sendo, uma atração para as pessoas das regiões mais pobres e em crise da África Subsaariana.

Para os Católicos na África do Sul, houve um momento de celebração no outono de 2015, com a primeira beatificação de um cidadão sul-africano. Em 14 de setembro de 2015, o Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos do Vaticano, proclamou formalmente a beatificação de Benedict Daswa em Tshitanini, perto da vila de Thohoyandou, na província de Limpopo. Diretor de escola, catequista e pai de família, foi morto por causa da sua oposição à feitiçaria. Morreu em 2 de fevereiro de 1990, o dia em que foi anunciada a libertação de Nelson Mandela.^[9]

“Leigo, pai de família, catequista diligente, professor cuidadoso, testemunha do Evangelho ao ponto de derramar o seu sangue.” Foi este o tributo do Papa Francisco ao primeiro beato filho de solo sul-africano. Nascido em 1946 de pais pagãos, recebeu o nome Tshimangadzo, mas assumiu o nome

Benedict quando foi batizado. Após a morte prematura do seu pai, cuidou dos seus quatro irmãos. Aos 17 anos, ficou impressionado com Benedict Risimati, um catequista que tinha conhecido. Foi batizado e adotou o mesmo nome.

De 1980 a 1990, esteve ativo na paróquia, ajudando o sacerdote, dando catequese. Em janeiro de 1990, uma tempestade violenta atingiu a aldeia e muitas das cabanas foram destruídas por relâmpagos. Os anciãos da aldeia pensaram que se tratava de bruxaria e queriam contratar um xamã para “farejar” o culpado. Benedict Daswa recusou-se a participar em qualquer caça às bruxas e tentou explicar-lhes as causas naturais dos relâmpagos. Mas não teve sucesso e ficou sob suspeita. Uma semana mais tarde, o seu carro foi alvo de uma emboscada na estrada por uma gangue de aldeões, que o atacaram com pedras e mais tarde o espancaram até à morte, tendo também deitado água a ferver sobre ele. Benedict rezou em voz alta pelos seus assassinos até morrer. A sua morte foi considerada um martírio pela congregação do Vaticano chefiada pelo Cardeal Amato, que disse na sua beatificação que, ao honrar o Beato Benedict, a Igreja convida todos os católicos “a alimentarem apenas sentimentos de amor, irmandade, harmonia, solidariedade para além de qualquer divisões étnicas, sociais e religiosas”. E acrescentou: “A Igreja vê os seus santos como apóstolos da paz e do bem. A sua vida é uma solução eficaz para curar os corações do ódio, da divisão e do desprezo pelos seus semelhantes.”

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Além do aparente aumento das declarações antissemitas (na sua maior parte ligadas a ações israelitas em Gaza), há poucas razões para assumir que há uma alteração substancial à atual situação em relação à liberdade religiosa. No entanto, há potencial para que surjam conflitos com o aumento da imigração proveniente de regiões em crise em outras partes de África. A África do Sul está também enfrentando um aumento da pobreza e a experiência tem mostrado que a pobreza material pode frequentemente ser uma das principais forças motrizes por trás das tensões religiosas, levando a e incluindo atos de violência extrema.

[6] <http://www.jewishsa.co.za/category/media/press-releases> e também <http://www.jewishsa.co.za/what-we-do/antisemitism/>

[7] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: International Religious Freedom Report for 2014

[8] ACNUR 2016

[9] http://de.radiovaticana.va/news/2015/09/16/der_erste_selige_s%C3%BCdafrikas/1171744